

## IMÓVEL

"Há 91 dias sem chuvas, o Distrito Federal está em estado de alerta nesta sexta-feira devido à baixa umidade relativa do ar e aos incêndios florestais na região. A capital federal amanheceu com céu encoberto pela fumaça dos incêndios ocorridos ontem (8) na Base Aérea de Brasília, no Jardim Botânico e no Parque Nacional. Desde ontem, o Corpo de Bombeiros registrou 45 focos de incêndio em todo o DF. (09/09/2011)"

Fonte: Folha Online. Acesso em: 09/09/2011. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/972747-fumaca-encobre-o-df-umidade-do-ar-continua-baixa.shtml>

Acordou cansada. Parecia que não conseguia respirar corretamente há muito tempo. Talvez hoje seja o dia, pensou. Não. Talvez não seja. Melhor não criar expectativas. Melhor não, pensou sacudindo a cabeça e olhando para baixo. Olhou pela janela e o céu cinza chumbo deu ao dia o peso de um sonho ruim. Parou por um segundo como quem busca um sinal. Eu acordei mesmo? Fazia anos que morava em Brasília. Mudou para lá com as promessas de uma vida melhor. Na capital, diziam. As promessas eram também de uma família, um apartamento de dois quartos com dependência de empregada. Nunca morei em um prédio com porteiro, deve ser importante. Tomou café sem açúcar. Vestiu uma roupa simples, não era - não deveria ser - como se esperasse por algo. O telefone tocou, era a filha. Você vem me ajudar a preparar o aniversário do Luís Antônio? Vou, mas vou atrasar. A filha não quis perguntar a razão. Havia muito que desconhecia os detalhes da vida da mãe. Não eram, por assim dizer, amigas. Estavam presas uma à outra pela conveniência social, se é que se pode dizer isso. As duas eram mais um daqueles casos de pessoas que podem viver uma vida comum, mas não compartilhada. A mãe aprendendo a ser aquela pessoa que todos esperavam que ela fosse, e a filha, crescendo como parte integrante de um cenário. A fumaça lá fora já se fazia sentir dentro da casa. Está péssimo hoje. Por que fui abrir a janela? Já deveria saber que é assim. Sempre

Teia - nº 4 - maio/2012 - Ficção/prosa.

fora assim, às vezes um pouco melhor, às vezes um pouco pior. Aquela cidade sempre fora uma promessa de prosperidade e organização envolta em um nevoeiro que sufoca. E uma promessa é um tipo de sonho pré-datado. Se não vira realidade, deixa a pessoa presa nos próprios pensamentos. Ela também sabia disso. Quando parei de me importar? Os anos colocaram uma camada de pó nas imagens guardadas na memória. Agora já não sabe. Nem quando nem como. Talvez hoje. De repente. Um sinal, uma atitude. Se o vizinho vier dar bom dia. Se o atendente da farmácia sorrir para mim. Se aquele rapaz simpático ligar oferecendo outro cartão de crédito. Terminou mais uma xícara de café. A casa cheia de lembranças empoeiradas parecia tão imponente. Era a presença estática e opressora do passado. No fundo, tinha-se deixado iludir. Sabia também disso. Tudo parecia tão bonito e relativamente fácil! Depois, ficou em dúvida. Você vai ter a vida que toda menina aqui do interior quer. Papai foi quem disse isso. Mamãe ficou feliz porque agora eu não precisava mais trabalhar. Foi um erro achar que os outros sabiam mais da minha vida que eu mesma. O namoradinho que virou marido que virou funcionário público que virou pai de família que virou a cabeça pela moça loira da contabilidade parecia mesmo uma boa escolha - até o dia em que não era mais. O apartamento foi vendido. A filha desde cedo passou os finais de semana fora de casa. O emprego tardio não chegou a ser uma carreira. Um dia. É tudo que precisa para fazer parar o tempo e colocar uma pessoa no meio dessa fumaça interminável de pensamentos e poluição. Esperando.

Carolina Pereira Barcelos<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin)- FALE/UFMG